

ISSN 0104-1886

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
CADERNOS DO I. L.  
Nº 11  
JUNHO DE 1994

**UFRGS**  
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

## CONTO E/OU CRÔNICA EM CLARICE LISPECTOR

Patricia L. Flores da Cunha<sup>1</sup>

Este trabalho pretende tratar da relação conto *versus* crônica que em CL assume aspectos inéritos, talvez porque o **corpus** aqui utilizado evidencie alguns "truques" utilizados pela escritora para estabelecer o equilíbrio da sua produção intelectual numa época de reconhecida exigência, tanto em nível particular quanto profissional.

Em primeiro lugar, certas explicações se fazem necessárias para desatar o nó que, em última análise, amarrou toda uma indagação em torno de gênero, conto e crônica, voltada agora para a urdidura literária de CL.

Em 1964, a autora publica o volume original de **Legião Estrangeira**, cuja edição traria contos numa primeira parte, e crônicas curtas, numa segunda parte intitulada "Fundo de Gaveta". Mais tarde, em 1977, essa matéria seria republicada em dois livros separados, os contos, de novo reunidos em **Legião Estrangeira** (Ática, 1977); as crônicas, agora constituindo o volume de **Para não esquecer** (Ática, 1978).

Nesse intervalo, pressionada até por dificuldades financeiras, CL publica, mais exatamente entre agosto de 67 a dezembro de 73, uma coluna semanal no Jornal do Brasil, que, em 1984 seriam agrupadas postumamente no expressivo volume de **A Descoberta do Mundo**. No confronto desses dois conjuntos particulares da produção literária de CL, o que se evidencia é que a maioria dos contos pela primeira vez publicados em 64, reeditados em 77, serão utilizados, **ipsis litteris**, como material para suas crônicas do JB, ocorrendo alterações, quando muito, nos títulos desses trabalhos.<sup>(2)</sup> É, talvez o que seja mais significativo para este estudo, como tal foram aceitos, uma vez que, aparentemente, a autora jamais mencionara ou justificara esse expediente. De certa forma, CL

---

<sup>1</sup> Patrícia L. Flôres da Cunha é professora no Depto. de Línguas Modernas do Instituto de Letras da UFRGS.

surpreende o seu leitor e o seu crítico com essas artimanhas de esconde-esconde.

Por outro lado, instaura-se aí novo espaço propício à discussão dos gêneros e os modos de sua concretização, agora avaliada pela ótica individualíssima dessa escritora brasileira. Como já se viu em nível de formulação teórica, por assim dizer, com o exame dos fragmentos que tratam do tema metalingüístico também presente em **A Descoberta do Mundo**, CL comporta-se de maneira absolutamente coerente, porque para ela, na prática também, o que vale é o que está escrito.

A maneira como o leitor percebe mais esse artifício faz parte do acordo tácito que os envolve e que a autora maliciosamente manipula. Nesse sentido, o leitor de CL é, ao menos, duplamente exigido. Uma vez, pela necessidade de compartilhar - sob pena de não entendê-la - a aventura de linguagem que ela propõe e todas as implicações, mesmo as extraliterárias

que disso decorrem. Outra vez, lembrando a "ferramenta heurística", citada por Gabriela Mora, pelo posicionamento que deve tomar frente à alternativa de ser do próprio texto - ora conto, ora crônica - numa atualização *sui generis* do princípio do "hibridismo" como visto por Marshal MacLuhan.<sup>(3)</sup>

O jogo do faz-de-conta, recorrente em qualquer tipo de ficção, em maior ou menor grau, para CL só se satisfaz plenamente com a cumplicidade desse leitor, a quem, embora envolvido pelo processo criativo, de fato pouco importa o que é uma crônica ou um conto. Para ele, o que vale também é o que está escrito, e é com isso que realiza a sua criação particular do texto.

Isso se evidencia sobretudo no diálogo intertextual dos escritos de CL.

Em 24 de fevereiro de 1973, no auge da sua produção literária (a década de 70 foi das mais fecundas, contribuindo decisivamente para a projeção nacional e internacional da autora), CL publica um texto no JB intitulado "O primeiro livro de cada uma das minhas vidas".<sup>(4)</sup> Se fosse para classificá-lo, constata-se nele todas as ocorrências típicas da crônica. O registro da memória que a lembrança dos livros queridos propicia inscreve o assunto no fluxo do tempo a que a crônica por definição se

remete. O diálogo é proposto desde o início no uso do verbo que supõe a interação, mesmo que implícita, entre autor/leitor. Também há a presença palpável de um narrador/repórter que relata passagens circunstanciais de sua vida com suficiente habilidade para envolver o leitor em uma conversa amena e despretensiosa, típica da roda de amigos. Tudo isso cobre no máximo duas páginas, descontadas as exigências editoriais que, por si, atestam a brevidade exemplar da narrativa.

Esse registro basicamente mínimo divide-se em sub-relatos, cada um encerrando com objetividade a experiência "livresca" de cada uma das vidas da autora. À certa altura, uma delas diz assim, em não mais que um parágrafo:

"... Em outra de minhas vidas, o meu livro sagrado foi emprestado porque era muito caro: **Reinações de Narizinho**. Já contei o sacrifício de humilhações e perseveranças pelo qual passei, pois, já pronta para ler Monteiro Lobato, o livro grosso pertencia a uma menina cujo pai tinha uma livraria. A menina gorda e muito sardenta se vingara tornando-se sádica e, ao descobrir o que valeria para mim ler aquele livro, fez um jogo de "amanhã venha em casa que eu empresto". Quando eu ia, com o coração literalmente batendo de alegria, ela me dizia: "Hoje não posso emprestar, venha amanhã." Depois de cerca de um mês de venha amanhã, o que eu, embora altiva que era, recebia com humildade para que a menina não me cortasse de vez a esperança, a mãe daquele primeiro monstinho de minha vida notou o que se passava e, um pouco horrorizada com a própria filha, deu-lhe ordens para que naquele mesmo momento me fosse emprestado o livro. Não o li de uma vez: li aos poucos, algumas páginas de cada vez para não gastar. Acho que foi o livro que me deu mais alegria naquela vida."

Como se vê é a crônica dentro da crônica.

Logo, entretanto, vem à mente um outro texto de CL, o do conto "*Felicidade Clandestina*", publicado em 1971 no livro sob o mesmo título.<sup>(5)</sup> É o relato curto e denso onde a escritora recria com notável sensibilidade um instante altamente significativo na vida daquela menina do Recife que adorava livros de estórias. A duração insignificante é convertida em duração significativa, num tempo dissecado que o olhar pode apreender e medir livremente, mas com "o desejo de transmitir ao leitor a sensação de estar presente no momento em que acontece o que acontece."<sup>(6)</sup>

É um conto, formalmente não há dúvida: a extensão é suficientemente breve para permitir que se leia de uma sentada o relato intenso e envolvente, pontilhado de dificuldades que desenham o tenso e tortuoso caminho da felicidade, numa revelação tão antiga quanto a própria existência.<sup>(7)</sup> No entanto, porque é um conto, e um conto moderno, atualiza essa exemplaridade da condição humana através dos artifícios literários condizentes à expressão de uma voz solitária, que busca pelo próprio relato garantir um espaço individualizado no jorro uniforme das emoções comuns.

Para isso, concorre a maestria do estilo pessoal de CL, marcado sobretudo pelo emprego do procedimento epifânico, ora revelado nos sucessivos desapontamentos e deslumbramentos da personagem que reforçam o tom maior da descoberta, característico de toda a sua obra "do espanto pelo inusitado, sempre redescoberto, extraído na maioria das vezes da mais absoluta banalidade."<sup>(8)</sup> Estilisticamente, isso se resolve através dos períodos curtos, sincopados, organizados em parágrafos pouco longos, com imagens simples, quase *clichés*, mas que reiteram sucessivamente a oposição simbólica do tempo que passa diante da felicidade que não chega: "ela era toda pura vingança, chupando balas com barulho"; "até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa"; "ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse de seu corpo grosso. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do dia seguinte ia se repetir com o coração batendo."

E, assim por diante, é possível extrair do texto de CL todos aqueles elementos já arrolados como significativos para a expressão do conto contemporâneo. Entretanto, a narrativa de CL, sob certos aspectos

formalizados nos limites de parâmetros conhecidos, não cessa surpreender pela reviravolta que subitamente propõe.

Num exame mais detalhado sobre o conto e a crônica de CL, percebe-se que o texto de "*Felicidade Clandestina*" é o mesmo, sem tirar nem pôr, da crônica "*Tortura e Glória*", publicada na coluna de JB lá em 2 de setembro de 1967.<sup>(9)</sup> Quer dizer, o que era crônica (de jornal) vira conto, que depois vira crônica (de livro)...

Embora já se saiba desse procedimento usual em CL, de recorrer aos seus escritos como a uma ciranda para prover eventuais necessidades - e a isso alia-se certa conotação consumista no ato de dispor sua literatura - essa ocorrência particular renova e acirra a velha discussão sobre os gêneros.

Afinal, ao fim e ao cabo, o que é um conto? O que é uma crônica?

Mário de Andrade, num momento irreverente mas com notável sentido crítico, já afirmara: "conto é tudo aquilo que seu autor chama de conto". Fernando Sabino, talvez seguindo similar raciocínio, disse o mesmo sobre a crônica. Essas declarações, embora jocosas, traduzem de modo específico pensamentos críticos não muito diferenciados. Já nos anos vinte, o formalista Chklouski dizia não ter encontrado uma definição de conto, enquanto mais recentemente Mary L. Pratt declarou a impossibilidade e até certa inutilidade na descoberta de características que diferenciariam sem ambigüidade um gênero de outro. Ao que Haroldo de Campos, no exame do caso latino-americano, acrescenta:

"Superada a rígida tipologia intemporal, com propensões absolutistas e prescritivas, a teoria dos gêneros passa, assim, na prática moderna a constituir um instrumento operacional, descritivo, dotado de relatividade histórica, e que não tem por escopo impor limites às livres manifestações da produção textual em suas inovações e variantes combinatórias. E onde se desenvolve a idéia de gênero como categoria impositiva, se relativiza também, concomitantemente, a noção de uma linguagem que lhe seria exclusiva, que lhe serviria de atributo distintivo."<sup>(11)</sup>

O certo é que Clarice Lispector soube incorporar essa problemática medular à gênese e feição de toda a sua produção literária, exemplarmente reificada através desta relação entre conto/crônica. Dentro da constância do paradoxo, que permite "a afirmação dos dois sentidos ao

mesmo tempo",<sup>(12)</sup> o texto de Clarice encerra sempre essa viabilidade: ao mesmo tempo, ele se torna um e outro.<sup>(13)</sup>

Nesse momento escasso, que medeia o ser e o nada, Clarice Lispector tece a narrativa, forma e conteúdo simultaneamente engajados, numa disposição que abarca todo o plano geral da sua obra: "ultrapassar a questão de ser isto ou aquilo até não gênero, não ser nada, apenas ser."<sup>(14)</sup>

## NOTAS

1) GOTLIB, Nádia. Um fio de voz: histórias de Clarice. In: LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo G.H. Ed. Crítica. Benedito Nunes, coord. Florianópolis, Editora da UFCS, 1988. p. 179.

2) No levantamento que se fez observa-se que dos treze contos de A Legião Estrangeira (Ática, 2. ed., 1977), dez são publicados em A Descoberta do Mundo (Nova Fronteira, 2. ed., 1984), como matéria de crônicas. Alguns deles, inclusive, foram subdivididos para cobrirem as exigências dos sucessivos espaços semanais. Na falta de um nome apropriado, a escritora apresentava-os até como "noveletas". São eles a seguir, em ordem de aparecimento no livro de contos relacionada com a publicação desencontrada no Jornal do Brasil.

Conto	Crônica
Os desastres de Sofia 03-01- 02-70.	Travessuras de uma menina (noveleta) (p.393-410); em 70, 10-01-70, 17-01- 70, 24-01-70, 24-01-70 e 07-
A repartição dos pães O ovo e a galinha 19-	Olhava longe, sem rancor (p. 306-9); em Atualidade do ovo e da galinha (p. 313-24); em 05-07-69 e 07-69.
Tentação	O intransponível (p. 371-3); em 25-10-67.
Evolução de uma miopia	Miopia progressiva (p. 465-71); em 01-08-70 e 08-08-70.
A quinta história	Cinco relatos e uma teoria (p. 325-7); em 26-07-69.
Uma amizade sincera	Os grandes amigos (p. 726-9); em 10-03-73.
Os obedientes	Os obedientes (p. 695-702); em 02-12-72 e 09-12-72.
A legião estrangeira 69,09-08-69, 16-	A princesa (noveleta) (p. 328-46); em 03-08- 08-69, 23-08-69 e 30-08-69.

3) Em Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana, p.17-8, Haroldo de Campos cita Marshall MacLuhan que, na esteira do "hibridismo dos gêneros", interpreta o conflito dos **media**, a partir das manifestações jornalísticas - "o híbrido ou o encontro de dois media é um momento de verdade e revelação, do qual nasce a forma nova." Para o teórico canadense, o pioneiro dessa técnica criativa na literatura foi Edgar A. Poe, ao

exigir do leitor, em seus contos fantásticos e de detetives e poemas simbolistas, uma participação do tipo "faça você mesmo" (do-it-yourself).

4) LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984. p. 721-3.

5) \_\_\_\_\_, Felicidade Clandestina (1971). 4. ed. Rio de Janeiro, 1981.

6) MELLO e SOUZA, Gilda de. O vertiginoso relance. In: \_\_\_\_\_. Exercício de Leitura. São Paulo, Duas Cidades, 1980. p. 79-91.

7) Para Cleanth Books e Robert Penn Warren (1943), o efeito de intensidade se relaciona com momentos de complicação na trama - "the complications become greater in intensity, as the plot moves toward the moment of decision, the climax." (MORA, Gabriela. Op. cit. p. 131-2).

8) GOTLIB, Nádia. Op. cit. p. 181.

9) LISPECTOR, Clarice. Op. cit. p. 16-9.

10) MORA, Gabriela. Op. cit. p. 34.

11) CAMPOS, Haroldo de. Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana. São Paulo, Perspectiva, 1977. p. 11-2.

12) DELEUZE, Gilles. Primeira série de paradoxos: do puro devir. In: \_\_\_\_\_. A lógica do sentido. São Paulo, Perspectiva, 1974. p. 1.

13) A propósito, vale lembrar as treze alternativas do título oferecidas por CL ao leitor de A Hora da Estrela (José Olympio, 1981), onde a narradora, referindo-se ao texto, deixa todas em aberto: "dedico esta coisa a." (p. 7) Essa mesma linha de pensamento orienta também a produção do conto A quinta história e/ou da crônica Cinco relatos e um tema (tanto faz), verdadeira(s) condensação(ões) do motivo maior que propulsiona CL - as "n" possibilidades de como dizer o que se quer dizer, todas elas únicas e definitivas nessa possibilidade de expressão.

14) GOTLIB, Nádia. Op. cit. p. 181.